

12525
12525

JOÃO PENHA

ed 8

Parecer apresentado á 2.^a Classe
da Academia Real das Sciencias de Lisboa

SOBRE A SUA CANDIDATURA

Approvado por unanimidade em sessão de 15 de abril de 1909



LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia

1909

JOÃO PENHA



É com sentimento commovido de mocidade extincta que escrevo ácerca do exímio sonetista do *Vinho e Fel.* João Penha fundou em Coimbra um semanario no qual reuniu todos os rapazes em quem principiava a rebentar o buço litterario. Gonçalves Crespo, um dos intimos do meu coração, o inexcédível lavrante de joias, que serão apreciadas e amadas, emquanto existir lingua portugueza, alli appareceu, não digo pela primeira vez, pois é do mysterio das almas o momento em que o poeta começa, mas com uma *Miniatura*, palavra que foi glorioso titulo para o seu primeiro livro. No mez de novembro 1868 surgiu no horizonte intellectual da mocidade portugueza o luminoso astro denominado a *Folha* e viu-se que vinha acompanhado de uma constellação. Todos os obscuros como eu, que padeciam reconditamente da infantil doença da aspiração á gloria, tiveram atormentados sonhos, por se sentirem longe do ambicionado céo e em desagradavel escuridade. Timido e desconfiado, como é proprio dos desvalidos da scentelha divina, arrisquei algumas linhas de prosa semsabor, que enviei anonymamente pelo correio ao semanario dirigido por João Penha, que no seu *Expediente* (especie de debique, em conversa á porta da rua, com os que lhe passavam a geito) castigou o atrevimento, fitando-me com o lendario e terrivel monocolo:

«A *Folha*—escreveu—é pretenciosa como rapariga bonita: gosta que a namorem, mas segundo o moderno estylo. O tempo dos embuçados, da guitarra mysteriosa, de escadas de seda, de raptos nocturnos, de navalhadas na sombra, foi-se. Hoje namora-se ás claras: na sala, na rua. É por isso que a *Folha* não acolherá anonymos, pois que detesta amantes embiocados. O *Homem das Divagações* de Coimbra e o *Frequentador da Moré* do Porto assim o tenham entendido.»

Fechava d'este modo com sobrecenho. Pelo visto eramos dois; o *Homem das Divagações* era eu; quem seria o outro?

Pela minha parte accitei resignado a reprimenda: durante os annos que tal publicação viveu, e apesar de apertado convívio com o seu illustre director e collaboradores, nunca lhes descobri o amargo segredo. Só hoje na minha alma de velho apparece a reviviscencia do sonho de rapaz.

João Penha exercia uma especie de pontificado sobre os amigos, que então principiavam a versejar. Tinham-na conta de mestre; no delicioso fabrico das suas filigranas de palavras é certo que, toda a vida, tem empregado o melhor do seu talento. N'isso faz consistir o principal da obra poetica: «a idéa, materia prima da procreação artistica, — diz elle — é uma coisa relativamente secundaria.» Entende que «a tessitura e notação melodica dos vocabulos, abstrahindo-se das idéas, que n'elles estão incluidas, devem revelar, embora seja vagamente, o conjuncto d'essas idéas.» Fiando tudo da conjuncção dos sons scientemente escolhidos para exprimir sentimentos poeticos, fallando com olympico desdem dos operarios da prosa, a quem chama «ephemera cohorte» que o tempo sepultará no «abyssmo do esquecimento» (*sic*), mal se comprehende a justa admiração que revela pelo *Ahasverus*, obra escripta em prosa, e por Edgar Quinet seu auctor, a quem classifica de maravilhoso poeta. Se a fórma é tudo e a idéa pouco vale, se a tessitura e notação melodica das palavras é sufficiente para definir qualquer pensamento, bastará, para um chinez comprehender alguns admiraveis sonetos do *Vinho e Fel*, que lh'os recitem com a intelligente sonoridade com que Maurice Rollinat fazia ouvir *Les yeux morts*, facto que o Penha assignala, com o fim de defender a sua doutrina. Porém, podando o que possa haver de ex-

cessivo em taes opiniões, é incontestavel que João Penha deve sér considerado como um dos mestres da arte poetica portugueza e que não é sem razão que o seu e de nós todos dilecto Gonçalves Crespo lhe chamou:

Nervoso mestre, domador valente
Da rima e do soneto portuguez...

Nunca poderá desmerecer em nosso conceito um artista por amar entranhadamente a sua arte, mesmo quando sujeito a exaggero em seus gabos. Essa é a força e o encanto do seu genio. Apesar das balisas, que João Penha procura assignalar á prosa, para encarecer o verso, elle sabe que a boa linguagem dos grandes escriptores tem a cadencia e harmonia bem calculada e medida, que os entendidos avaliam e os ignorantes sentem. É reconhecida a seducção dos inspirados tribunos e dos prégadores sagrados sobre a alma impressivel e bem disposta dos seus ouvintes, que se deixam commover até ás lagrimas. É a idéa que os emociona? Não: mais que a idéa impressiona-os a imagem que enfeitiça os olhos e a musica da phrase que deleita os ouvidos. Creio ter sido Castilho, um poeta amante da fórma, como o auctor das *Rimas*, que nos ensina o preceito de avaliarmos a excellencia da prosa pelo maior numero de phrases metrificadas que possa conter. Esses lindos besoiros, essas iriadas borboletas que se chamam versos, servirão á nossa idéa, para melhor a enfeitar, para attrahir para ella a contemplação estranha. Mas é por uma especie de instincto, e não por um calculo meudo, que o poeta e o prosador encontram, no seu periodo de cerebração emotiva, a fórma para vestir o pensamento e tornal-o seductor. A technica, ainda que indispensavel a todos os grandes artistas, a todos os artistas completos, vem em grande parte no primeiro jacto, como obra de inspiração. O apparecimento instantaneo da idéa luminosa não apparece, como João Penha dá a entender, em completo estado de nudez; logo no começo a vemos com o principal do vestuario com que o publico a terá de acceitar. Para perfeito acabamento apenas lhe pode faltar: alisar aqui uma prega; levantar um nada da tunica estatuarica para adivinhar o corpo divino e ajustal-a para se perceberem as ancas fugitivas e as pomas ideaes; accres-

centar amplitude e magestade á solemne chlamyde; concertar a formosa cabeça n'uma posição hieratica; dar aos olhos doçura, aos supracilios graça, á bocca—oh! á bocca!—frescura e encanto, o desejo e aroma das rosas! E tudo é encontrado n'um jacto de seducção, imponente e esmagador pela belleza. Ou seja o desdem que mata, ou o amor que deifica, ou o ciume que fere; ou seja festivo canto de gloria, ou a horrida maldição, o artista da palavra, tem o direito de supprimir em nós a faculdade de sentirmos de uma maneira diferente da sua. Seremos seus escravos; pode escarnecer-nos, porque nos domina; pode exaltar-nos guiando nossa alma para as infinitas regiões d'esse admiravel céo, em que só o divino existe.

Ao poeta que estamos apreciando foi concedido, por condão natural, fruir seducções e soffrer amarguras dos entes creados na sua imaginação, que eram encantadoras ou flagellantes realidades para a sua alma impressivel. Gonçalves Crespo conheceu-o em longa intimidade de muitos annos e d'elle diz que no *Vinho e Fel* traçára:

.....o escuro drama
Em que soluça e ri, na extensa gamma
Teu desgrehado amor doido e fatal.

Alma esquiva, de um recondito sentir, luctava constantemente com a ideada chimera, a qual acarinha ou maldiz; ora collocando-a em doiradas nuvens, ora apontando-a em lugubres alfurjas:

Ir ter ao lôdo, andando nas estrellas!
Oh! minhas pobres illusões venustas,
Que me resta de vós?

diz no soneto VII do *Vinho e Fel*.

E caminhei nas sombras da saudade
Immerso n'esta dôr, que me devora
.....

diz no soneto XIII.

E com a furia de um Manfredo, de um Lara, de um Rolla, repelle e ameaça a ingrata no soneto XIV:

Não me provoques mais! Esta brandura
Encobre d'um juguar a furia horrenda:
Vae ler do Mouro a pavorosa lenda,
O mésto quadro da vingança escura.

E apparece então o soneto XVII, em meu desvalioso entender o primeiro entre os melhores do *Vinho e Fel*, o poema da sua alma captiva, no qual soluça:

Hontem, no baile, por fatal desgraça,
Não foi de vinho que fiquei repleto;
Mas d'esse immenso, arrebatado affecto,
Que as almas vence, e os corações enlaça.

Feriu-me, como o raio quando passa
Fere no monte o solitario abéto:
Agora vivo d'esse amor secreto:
Eil-a quebrada a generosa taça!

A toada dolorida, a magua funda que transparece n'essas estrophes, impressiona pela commoção. Ou essa mulher existisse de carne e osso, ou fosse uma chimera, certo é que o poeta soffria. Penha nunca esteve n'esse baile; mas o poder evocativo da sua sensibilidade é dos que dão realidade ás mais estranhas creações. Por isso elle vendo-se desilludido quebrou a *generosa taça!* A taça de João Penha! Teve entre os estudantes do seu tempo em Coimbra uma verdadeira celebridade! Os que o não conheciam de perto attribuiam-lhe vida orgiaca. Porém nada mais simples do que as falladas ceias da *Tia Camella* e do *Homem do Gaz*, que sempre se pagavam em cobre, porque para mais não havia e á moeda de prata não chegava o preço. Com a taça e com o seu amor constantemente fallido, andavam de companhia, nos sonetos publicados na *Folha*, o presunto de Lamego e Melgaço e o paio do Alemtejo. A carne de porco ensacada e defumada, symbolo do materialismo dos espiritos vulgares e inesthetics, era a maior affronta que João Penha atirava ás mulheres, que o repelliam, pelo não saberem comprehender. Essa lucta tremenda em que sempre o vi empenhado contra a trivialidade, não conseguindo nunca encontrar na alma da mulher a ternura que antevia em aspirações sonhadas, já perdida toda a esperanza de ser recolhido no céo luminoso

do amor, exclama contra o phantasma do seu ideal no soneto XXIV:

Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga:
Vibra o ferro, mulher, e sem piedade!
Que n'esta procellosa escuridade
Mais vale a morte que esta vida aziaga!

Por isso Gonçalves Crespo, perfeito conhecedor d'essa tormentosa crise animica, falla «d'aquelle desgrenhado amor doido e fatal».

Terei de restringir e não apreciar demoradamente este poeta de multiplas facetas. O uso consagrado a estes trabalhos não o auctorisa. Porém não me posso furtar, e para tamanho peccado requeiro absolvição, a transcrever uma das mais formosas composições de João Penha, em que a sua ironia, o seu dizer terso e galhardo, n'uma linguagem limpida como o crystal, mostram outro artista cheio de travessura e o metrificador exemplar. É a *Ballada* que vem no seu *Violão Nocturno das Rimas* e é offerecido a Ramalho Ortigão:

I

Essa mulher, que em sonhos me tortura,
Nas feiras de Stambul fôra sem preço!
Que face bella na subtil moldura!
Que labios sensuaes, que rir travesso!

Que mão se aponta que em Sevilha rufe,
Mais doce e linda, o sonoro adufe?

II

A chamma ardente de seus olhos brandos,
Fontes de mel ou de peçonha amára,
A clausura de monges venerandos,
Mais que o demonio, tentação levára.

Contra os filtros subtis de uns olhos pretos
Nem resiste o pavez dos amuletos.

III

Mas no pé, arma branca de combate,
Causa perenne do femíneo arrufo,
É que a gentil morena o luxo abate
As glorias mais sublimes do pantufo.

¿Esse que o nega, sem medir a affronta,
Que vinho encerra na cabeça tonta?



IV

Um sapateiro illustre e cavalheiro,
Ao tomar-lhe a medida da botinha,
É voz que disse d'alma e verdadeiro:
«Se eu fôr um dia rei, salvé, rainha!»

E que vendo perdida a ingenua phrase
A propria fronte decepou da base!

V

Pé flexivel, sem tímido capricho,
Excedera o da célebre Atalanta!
Na China um mandarim dera o rabicho
Por uma dama de tão breve planta.

¿Que selvagem de rábido colmilho
Se detivera no chapim casquilho?

VI

Contrario ao da Mulher que á serpe esmaga
No globo azul a fronte de esmeralda,
Ergue-se o amor em furiosa vaga
Mal o divisa nos setins da fralda.

Mas, interrompa-se a epopeia lesta
Que já vacilla o fogaréu de Vesta!

Que riqueza e variedade de rimas! Esta poesia, toda em tons alegres, realiza nos limites do possível aquillo a que João Penha mais aspirava, como artista, e em cujo conseguimento faz consistir a suprema arte do metro, isto é, o de se poder, pelo conjuncto dos elementos musicaes apenas, transmittir a idéa poetica. No caso da *Ballada* temos de reconhecer que, sendo o pensamento inicial vago, é da orchastração que realmente se colhe o principal encanto. Já affirmámos que não admittiamos que a fôrma seja tudo e a idéa pouco ou nada, ainda que seja verdade que, sem uma fôrma perfeita, quer no verso, quer na prosa, não se pode fecundar completa emoção em quem escute ou leia. Em rigor não ha synonymos, mas no verso e na prosa o mesmo pensamento pode ser expresso por differente conjuncto de vocabulos. Depende do artista saber preferir a mais adequada formula para materialisar a idéa. Isto quer dizer que o valor sonoro e até visual das palavras entram por muito na definição artistica do pensamento. Já alguns physiologistas se lembraram de classificar os oradores e seus ouvintes em auditivos e visuaes, pelo valor correlativo que derem ás palavras, uns escutando-a de preferencia, outros de preferencia representando-a pela imagem. A relação nervosa entre os dois sentidos primarios do homem, o poderem-se elles auxiliar e até substituir nos actos de percepção externa, induz a admittir-se tal classificação. Já o nosso epico o adivinhou quando escreveu:

Ouvi, vereis um novo exemplo
D'amor da patria.....

A palavra não tem, pois, só valor material representativo da *coisa*; os philosophos que tratam da origem da linguagem articulada assim o entendem, quando lhe assignalam valor psychologico, isto é, o da ligação, pela sua estructura, entre o estado emocional da alma e o objecto ou factio que o determinou. E como o sentir e o perceber sejam phenomenos muito complexos, e apesar de considerarmos a palavra o instrumento mais delicado, mais penetrante, mais nobre e mais vivo para exprimir o que vulgarmente se chamam estados d'alma, o Homem não se contentou só com ella e inventou as *Bellas artes*, para

certos casos especiaes. Porém não tirou á Palavra o seu preço unico e elevado. Ainda ha dias tive a experiencia: no theatro de S. Carlos, n'uma opera conhecida, figurava-se uma scena realmente emocionante, e uma senhora, que a seguia com as lagrimas nos olhos, disse esta phrase typica: «Isto, se fosse fallado, não se podia atuar!...»

João Penha, apesar de preferir como meio de representar sentimentos poeticos o verso, é um prosador correcto e ama a lingua portugueza, cujo conhecimento e estudo encarece e recommenda. É gracioso no dizer, ainda que muitas vezes sacrifique mais do que deve á phrase caustica. Assim fallando da *asneira*, que escreve com a grande, discreta: «toda a gente as diz: sabios e ignorantes não dizem outra coisa: a differença que existe entre uns e outros, quanto ao modo de as dizer, consiste unicamente em que aquelles as dizem de maneira que parecem que o não são, e estes como espontaneamente lhe surgem no intellecto.»

Tem feito mal a este lucido espirito e de um apurado gosto litterario o afastamento, que sempre adoptou como norma de vida. Habitando hoje uma cidade da provincia, onde os elementos intellectuaes não abundam, separado da conversa viva dos seus antigos companheiros de Coimbra, critica erradamente muitos phenomenos intellectuaes occorrentes. Assim reprehende o *modo de dizer* do actor *Antoine*, que não viu representar, e o *processo* de descrever ou dialogar de certos escriptores, que não aponta, mas pelo que diz se reconhece a confusão, nos dois casos, de *simplicidade* com *trivialidade*. Porém elle é simples e gracioso, mesmo quando a sua phantasia, um tanto travessa e paradoxal, o leva a descobrir alma e paixão n'um salgueiro das margens do Mondego, que entisicou só porque o poeta o abandonára durante umas férias. A scena é estranha e de paixão um tanto macabra, á Ed. Poe, escriptor muito da estima de João Penha, mas elle narra-a em estylo natural e correntio, sem deixar de ter elegancia. Se escrevesse as suas *Memorias de um estudante de Coimbra*, como diz ter pensado, muito nos teria que dizer e referir, pois ninguem ainda amou com mais entranhado amor essa linda terra e a vida descuidosa dos rapazes. Contar-nos-hia outros episodios, como o de um tal Z. Bruno,

que pediu emprestado ao querido poeta Simões Dias: um fato novo; um collegio com os alumnos que o compunham; o quarto com a sua estante recheada de livros; a creada, a cozinha, e as eguarias da mesa, isto para fingir deante de seu pae, que o visitava, que conquistara taes grandezas á força de talento e trabalho. O bonissimo poeta das *Peninsulares* a tudo se prestou, sorrindo sempre, com o seu aspecto de resignado e triste. O pae de Z. Bruno, considerando-o um professor salariado do collegio de seu filho, tratou-o durante os tres dias de visita com protecção e carinho, pedindo-lhe á mesa que estivesse á vontade e comesse sem constrangimento do que o proprio Simões Dias pagava. Na descripção d'este e de outros episodios, da vida de estudantes, como o de uma ceia na lugubre sala da hospedaria do Paço do Conde, onde encontraram um *escudeiro attencioso de frente calva*, tendo Eça de Queiroz, para terminar uma argumentação e bulha correlativa, commettido o acto heroico de apagar a unica vela que allumiava a selecta companhia, João Penha tem graça desprendida e sempre natural.

Este poeta tão interessante, este prosador de penna leve e por vezes pensar ligeiro, é, além d'isto, um juriconsulto apreciado como tal pelos seus confrades. Sempre se mostrou estudioso, amante de livros, um verdadeiro *letrado* no sentido complexo d'esta palavra antiga. É o que modernamente, por importação do estrangeiro, se chama um *intellectual*, pois que o seu espirito sempre abrangeu com amor tudo quanto viesse da creação superior dos que estudam e sabem.

Por isso temos a honra de apresentar aos suffragios da Segunda Classe da Academia Real das Sciencias a candidatura de João Penha.

Lisboa, 25 de fevereiro de 1909.

José de Sousa Monteiro.

Henrique Lopes de Mendonça.

Francisco Teixeira de Queiroz (relator).